

## FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

(N. 1718 — M. 1784)

Contemporaneo de Claudio Manoel da Costa, foi José de Santa Rita Durão, que fez seus estudos maiores em Coimbra e ahi doutorou-se no anno de 1756.

Nasceu no pequeno arraial do Infieionodo, não longe da cidade de Marianna...

« Ignoramos, porém, a filiação, anno do nascimento (\*) e primeiros estudos do auctor do *Caramuru* », diz o sr. Varnhagen na sua biographia publicada na *Revista Trimensal* do Instituto Historico Brasileiro.

Seus paes foram honestos e abastados mineiros, diz outro seu illustre biographo, o Dr. Pereira da Silva, porém, não menciona seus nomes.

O mesmo nome e sua naturalidade conhecemos porque elle os publicou no seu livro; e que era religioso professo na ordem dos eremitas de Santo Agostinho, porque tambem o declarou (*Varnhagen loc. cit.*)

Consta que bom moço ainda fora estudar com os jesuitas no Rio de Janeiro.

Como passou a Europa e onde professou — não o sabemos; e menos si deveras foi certa paixão mallograda que o levou áquelle estado.

Que doutorou-se em theologia em Coimbra disse-nos o Dr. Neves de Carvalho, erudito lente dessa Universidade.

(Varnhagen).

« He para sentir que o throno não proteja os soberanos das vicissitudes que affigem os homens vulgares! »

Exclama em tom plangente e n'um *orientalismo* inexcedivel o panegyrista da «Administração do M. de Pombal» (\*\*), narrando o «bar-

(\*) No seu «Menando Poetico» publicado em 1864 o Sr. Conego F. Pigneiro dá o anno de 1737 como o de seu nascimento, outros dão o anno de 1718.

(\*\*) Obra traduzida do francez por Athaide e Azevedo e publicada em Lisboa — 1848 — Livro 3.º pag. 122.

baro e excoerando attentado que na noite de 3 de setembro de 1758 se commetton contra Real, Sagrada e Augustissima Pessoa do El-Rei Nosso Senhor!» as onze horas da noite quando ia da *Quinta do Mello* para o seu palacio de Belém.

Tamanho successo serviu ao nosso illustre conterraneo, pois lhe deu fama de eloquentissimo pregador o sermão que recitou na sé de Leiria, onde estava de conventual, em acção de graças de salvar-se el-rei D. José.

Porém, esse mesmo successo custou-lhe as mais rudes fadigas e padecimentos.

Sabido é por aquelles... (*to los sabem* é a formula usual, quasi sempre errada (\*\*), sabido é por aquelles que são versados nas letras patrias haver a «Sentença de 12 de janeiro de 1759» tratado de principaes chefes da *conspiração de 3 de setembro* a tres celebres jezuitas o italiano Gabriel Malagrida e os portuguezes Alexandre de Sousa e João de Mattos; e que, em breve foia ordem dos Jesuitas proscripta de todo o reino portuguez...

Para mais exercer na estimã e valimento do poderoso ministro de D. José, o bispo de Leiria publicou uma carta pastoral pondo os jezuitas... na rua da Amargura.

Achando-a de feição para a satyra, o nosso poeta tratou-a por modo a perder-se no animo do seu prelado; e para livrar-se de sua vingança refugiu-se na Hespanha.

Ora aqui não nos levem a mal os criticos e sabedores destas cousas, que traslademos fronteiros dous trechos do nosso aliás insigne literato e infatigavel excavador das prioridades patrias, o actual Sr. Barão do Porto Seguro.

Lemos no *Florilegio* — Tomo I — pag. 34<sup>1</sup>, biographia de Fr. José Durão:

«Ou porque a dita pastoral (do bispo [de Leiria] continha proposições injustas, ou porque pela propria forma se prestava a satyra (o que succederia sendo originalmente obra do dito mitrado) é certo que Durão sahia a campo pulverizando-a...»

Na biographia publicada na cit. *Revista Trimensal* diz: «Em 1762 appareceu em Siria uma pastoral do bispo D. João da Cunha, fulminando os jezuitas expulsos, e diz-se que o nosso poeta se esqueceu, de modo que o bispo era irmão do seu provincial. Frei Carlos da Cunha, que para ser por este perseguido teve de sair do reino.

Quaes fossem os motivos para essa premeditada perseguição, não sabemos ao certo.

(\*\*) Castilho (Antonio) na *Grinalda Ovidiana* — Tomo 5 — pag. 184. Perdoem-nos esta amostra de erudição. Damol-a por motivo .. que não interessa a todos os leitores.

Diz-se que foi a indiscripção do talentoso theologo noviço do revelar o até jactar-se de haver sido oile o auctor da pastoral assignada pelo prelado.

Ja agora não riscaremos as linhas que abi ficam, preferindo antes confessar a nossa descahida.

O Sr. Varnhegon duvida (na biogr. da *Revista*) que a indiscripção fosse a causa, já porque o nosso opico não carecia para a sua reputação arrogar se uma obra alheia, já porque a respeito dos jezuitas nutria sentimentos oppostos, como se collige de seus versos (C. X, est. 53 e seq.).

E mais provavel achamos que elle criticasse e não compuzesse uma pastoral contra os jezuitas...

E no *Florilegio*: «Segundo o Sr. Frei José das Dores (nontro tempo eleito bispo de Cochim) esta (haver o nosso poeta pulverizado a pastoral) é a verdadeira explicação desse facto (o compromettimento e evasão para a Hespanha) que em outro lugar, apresentamos só como provavel.»

Na Hespanha, porém, não se achou em paz o nosso poeta, porque em guerra com Portugal que não adherita ao famoso *pacto de familia*, os hespanhoes o prenderam como espião e metteram-n'o na torre de Segovia.

Ahi jazer até celebrar-se o tratado do paz em Paris em 10 de Fevereiro de 1763.

Vendo-se livre partiu para a Italia.

Em Roma, cidade que escolheu para sua residencia, grangeou a estima e applausos da sociedade litteraria, o passou o tempo o mais feliz de sua vida.

«Foi certamente esta (a residencia em Roma) a quadra mais folgida da vida do nosso illustre compatriota», diz o Sr. Conego Dr. F. Pinheiro. Ahi viveu oito annos.

Constando-lho que, reformada a Univers'dade de Coimbra, fora nomeado seu reitor o seu conterraneo o amigo D. Francisco de Lemos de quem falla no Cap. X—est. 79, propoz-se a cadeira de Theologia para o que escreveu uma these que mereceu grandes applausos; e voltou a cidade de Coimbra.

Aleçon a desejada cadeira.

E abrindo-se em outubro de 1778 o curso lectivo da Universidade, recitou elle em latim a *oração de saplencia*, que passa por uma das mais eloquentes peças que se tem proferido em tal acto.

Foi essa oração impressa com o titulo—*Josephi Durão Theologi Contimbiscensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio*.

O sr. Varnhagem na cit. *Revista* elogia-a e resume-a: «Toca nas sciencias com variada licção e não vulgar conceito; e em referencia aos antigos descobrimentos portuguezes diz que pelos esforços do príncipe navegador—nasciam no seu tempo *ilhas com o nascer dos dias*.»

«Na doce placidez da virtude e da sciencia escoaram-se os annos de Frei José de Santa Rita Durão, dividindo o seu tempo entre a oração e a poesia, cujo culto nunca abandonou, sendo para sentir-se que no cataclysmo politico que subverteu os conventos em Portugal se hajam perdido as produções do nosso illustrado patricio (Conego Dr. F. Pinheiro, obra cit.)

Frei José de Santa Rita Durão falleceu (\*) no Hospicio do Colleginho do Convento da Graça, na rua dos Cavalleiros no começo do anno de 1784; o seu corpo foi enterrado junto dos degrãos, que da Capella mór vão para o Claustro.

Dil-o o Sr. Varnhagem (Revista cit.) por ouvir ao honrado padre-mestre frei João de SAVEDIA, que era então noviço.

O mesmo nosso orudito litterato refere que, de ouvir o celebre José Agostinho de Macedo, o Sr. F. Freire de Carvalho (\*\*) lhe assegura que o nosso poeta religioso muitas vezes era visto no valle de Coselhas, dictando estancias o com a maior facilidade a certo pardo liberto de nome Bernardo.

E de ouvir ao reverendo padre mestre frei José de Lima, Durão deixara em mãos de seus confrades muitos sonetos, versos lyricos e até jocosos, que não consentira fossem impressos.

o que, porém, deu-lhe a altissima fama com que vive nas nossas lettras é o seu *Caramuru*, poema que escreveu por amor ao seu país.

O *Caramuru* foi publicado em Lisboa no anno de 1781, sendo o seu editor o livreiro Du Baux.

A tiragem foi de dous mil exemplares.

(\*) Ao laborioso empenho e incansaveis investigações do fallecido auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Innocencio Francisco da Silva, deve-se o conhecimento da data (24 de Janeiro de 1784) em que falleceu frei José de Santa Rita Durão, distincto poeta brasileiro e auctor do celebre poema epico do descobrimento do Brazil, intitulado *Caramuru*, que foi publicado em Lisboa em 1781 e que so depois de sua morte começou a ser apreciado.

No seculo que atravessamos, os maiores vultos de litteratura portugueza vingaram Santa Rita Durão da injustiça dos seus contemporaneos.

O visconde de Castello o elogiou; Almeida Garrett exaltou o seu merecimento; José Maria da Costa disse que elle devia ser considerado como o fundador da poesia brasileira; José Agostinho de Macedo chamou-o: homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande! e Ferdinand Diniz pensa que o *Caramuru* é uma epopéa nacional brasileira que interessa e enleva. Desse poema ha uma edição em francez, da qual foi traductor Eugenio Paray de Monglave.

A edição em portuguez é hoje rarissima.

(A Gazeta de Noticias de 24 de Janeiro de 1877).

(\*\*) Conego da Sé Patriarchal e Professor de Litteratura classica no Lyceu Nacional de Lisboa; auctor das «Licções Elementares de Poetica Nacional»; «Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal» etc., etc.

Com o mesmo nome viveu nesta provincia o redactor do *Constitucional Mineiro*, publ. em S. João D'El-Rei em 1833.

Como prefacio tinha apenas o seguinte, por onde se vê que temia levasssem-lhe a mal sahir a publico como poeta, sendo religioso:

«*Et quoniam Deus ora movet, sequant ora moventem, rite Deum.*  
(Ovidio — Metam. 15.)

«Os successos do Brazil não mereciam menos um poema que os da India.

Incitou-me a escrever este o amor da patria.

Sei que a minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não foram de bispos e bispos santos; e o que é mais, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros.»

Bem inspirado foi Santa Rita Durão, quando para assumpto do seu poema, escolheu as romancescas aventuras do Diogo Alvares Corrêa, pelos indigenas denominado de *Caramuru*?

Si não só os factos historicos, mas ainda as legendas podem fornecer materia para semelhantes composições, fora é de duvida que optimamente fez Durão a escolha do seu assumpto.

Releva ainda que não nos esqueçamos que esta tradição, destrerrada hoje para o paiz das legendas, depois das eruditas investigações do Sr. Varnhagem, em sua memoria intitulada *O Caramuru perante a historia* (\*), passava no tempo do auctor por facto historico, escudando-se nas opiniões de Simão de Vasconcellos, Britto Freire, Rocha Pitta, Jaboatão e outros chronistas.

Conego F. Pinheiro cit. loc.

— A maior prova do genio do auctor do *Caramuru*, diz o Sr. Varnhagem, a dá elle quanto a nós na maneira, como soubo levantar e tornar epica e heroica uma acção e um individuo que não eram.

A dicção do poema é sempre elegante e clara, a metrificacão facil e natural, e em todos elementos necessarios ao poeta se mostra Durão merecedor de tratar dos mais sublimes assumptos.

(\*) Foi publ. na *Revista Trim.* Tom. II (1848) pag. 129 a 152.

Em dias de julho deste anno de 1872, o Sr. Varnhagem descobriu, em Lisboa, em uma especie de livreiro *forrovelho* ou *belchior* um livro manuscrito, contendo, entre outros documentos do ultra-mar de 1500 — uma carta regia de D. João terceiro ao famoso *Caramuru*.

«Este doc. porá o ultimo remate a um antigo trabalho meu acerca do mesmo *Caramuru*, que esta no *Instituto Historico*; e por signal que, quando foi abrir a minha cedula, se encontrou dentro que cedia a medalha de ouro (creio que no valor de 400\$), para outro premio que nunca se declarou haver sido instituido por mim, nem quem o veio receber.»

(Carta do Sr. Varnhagem publ. no *Diario Official* de 12 de dezembro de 1872.)

Vejamos como se justifica o nosso poeta da escolha do assumpto que fizera:

Quanto merece mais que em douda lyra —  
Se cante por heróe quem plo effjusto,  
Onde a cega nação tanto delira  
Reduz a humanidade um povo|injusto!

Se por heroeino mundo só se admira  
Quem tyranno ganhava um nome augusto  
Quanto o será maior que o vil tyranno  
Quem nas feras infunde um peito humano!

E agora — como tem sido julgado o poema:

Em nossa opinião, diz o Sr. Varnhagem, o acolhimento publico, a popularidade, ainda não fez justiça ao merito do *Caramuru*.

José Agostinho de Macedo apreciava-o tanto que chegou a ser accusado pelo seu antagonista Pato Muniz de a ter o lugares imitado.

Bocage, segundo o testemunho de nosso amigo e consocio o Sr. Dr. Francisco Freire do Carvalho, ainda pouco antes do fallecer contava o *Caramuru* como um dos livros mais queridos da sua minigoda livraria.

O Sr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, auctor de tantas obras em versos, a nós mesmos nol-o recommendam como o primeiro epico portuguez, abaixo de Camões.

O famoso litterato e eximio poeta Almeida Garret, no seu *Bosquejo* citado:

Muito havia que a turba epica estava entro nós silenciosa quando frei José Durão, a esboçou para cantar as romanescas aventuras do *Caramuru*.

O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas, abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobretudo para a poesia descriptiva.

O auctor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto, mas de leve o fez, so se estendeu em os menos poeticos objectes; e d'ahi expliou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettis.

Notarei, per exemplo, o episodio de Moema, que e' um dos mais gabados para demonstração do que assevero.

Que bellissimas cousas da situação da amante brasileira, da do heróe, do lugar do tempo não pudera tirar o auctor, si tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

O estylo é ainda por vezes affectado: la servem aqui e alli seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitivas bellissimas e ainda sublimes.

O sr. Fernando Diniz que é «uma epopeia nacional brasileira que interessa e enleva.»

O Sr. Eugenio G. de Monglave traduziu-o em francez.

«Ao pé de tantas summidades litterarias como invocar nosso fraco juizo?

Invocamos, pois a memoria do mais fino critico em litteratura dos tempos modernos, de Schlegel e pelos laços de nacionalidade que unem os nossos nomes, quizeramos intercalar entre as suas linhas as que ousamos formular segundo os seus principios.

Por ventura Schlegel, que recommenda as estancias de Tasso pelo sentimento cavalleiroso de honra, de que estão repassadas; e as de Camões pela inspiração ardente do heroismo nacional, não extremaria as de Durão pela unção edificante e pintura do amor casto?

Não imaginamos creatura mais religiosa do que Diogo Alvares, nem mais castidade do que a de sua esposa, Eva de Milton terna como a Herminia de Tasso.

«E serão sempre lidas com prazer as pinturas do naufrago, do homem civilisado a par do selvagem, do moribundo, do antropophago, dos dez mandamentos, e os preparativos para um sacrificio do *Canto primeiro*; a descripção de uma aldeia de indigenas no *canto segundo*; a existencia de Deus no *tercetiro*: além das mui conhecidas passagens do episodio de *Moema*, e das descripções da canna de assucar, do tabaco, da mandioca, da *sensitiva*, do ananz, do côco, da preguiça do cameleão etc.» (*Varnhagem, Revista Trimensal*).

Do episodio de Moema fez o Sr. Dr. Bonifacio de Abreu o libreto da opera — *Moema e Paraguassu* — musica do maestro San-Giorgi, representada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1861.

(Vide Gazetilha do *Jornal do Commercio* n. 28 do cit. mez e anno).

Os lampejos de originalidade que começaram a bruxolear com menos interrupção e mais sensivelmente nas composições do cantor do *Ribeirão do Carmo* e de Villa Rica; apparecem em toda a sua luz e pompa nas epopeas eminentemente nacionais de Basilio da Gama e de *Santa Rita Durão* — (J. Nochte de S. e S. — *Originalidade da Litteratura Brasileira*) publ. na *Revista Popular* de 1861).

Não conheceis todo o nosso paiz nos cantos de *Santa Rita Durão* e de Basilio da Gama? diz em outro lugar o nosso distincto litterato.

Daniel Gavet e Philipe Boucher o elogiam na Not. 49, pag. 439 do seu *Jakaré Quassu*.

## Moema

E' fama então que a multidão formosa  
Das damas, que Diogo pretendiam,  
Vendo avançar-se a náu na via undosa,  
E que a esperança de o alcançar perdiam;  
Entre as ondas com ancia furiosa  
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta agua que fluctua vága  
O ardor que o peito tem banhando apaga.

Copiosa multidão da náu franceza  
Corre a ver o espectáculo assombrada;  
E ignorando a occasião da extranha empreza  
Pasma da turba feminil que nada:  
Uma, que ás mais precede em gentileza.  
Não vinha menos bella do que irada:  
Era Moema, que de inveja geme,  
E ja visinha a náu se apega ao leme.

«Barbaro — a bella diz, tigre e não homem...  
Porém o tigre por cruel que brame,  
Acha forças, amor que emfim o domem;  
Só a ti domou, por mais que eu te ame;  
Furias, raios, coriscos que o ar consomem,  
Como não consumis aquelle infame!  
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...  
Ah! que o corisco es tú... raio, penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo.  
Quando eu a fe' rendia ao teu engano;  
Nem me offenderas a escutar-me altivo,  
Que e' favor, dado a tempo, um desengano:  
Porém deixando o coração captivo.  
Comfrazee-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, trahidor e desta sorte.  
Paga meu fino amor tão crua morte!

Tão dura ingratição, menor sentira,  
E este fado cruel doce me fora,  
Si a meu despeito triumphar não seria  
Essa indigna, essa infame, essa trahidora:  
Por serva, por escrava te seguira,  
Si não temêra de chamar senhora  
A vil Paraguassu', que sem que o creia,  
Sobre ser-me inferior e' nescia o feia.

Emfim, tens coração de ver-me afflicta,  
Fluctuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente, com que aos meus respondas:

— Barbaro, si esta fe' teu peito irrita —  
Disse vendo-o fugir, — ha não te escondas;  
Dispara sobre mim teu cruel raio...;  
E indo a dizer mais, cahe num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pallida a cor, o aspecto moribundo,  
Com mão ja sem vigor, soltando o leme  
Entre as salsas espumas desce ao fundo:  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tornando a apparecer desde o profundo:  
«Ah! Diogo cruel!» Disse com magna  
E sem mais vista ser, sorveu-se nagua.

Choravam da Baleia as nymphas bellas,  
Que nadando a Moema acompanhavam;  
E vendo que sem dor navegam dellas,  
A' branca praia com furor tornavam;  
Nem pode o claro Heroe sem pena vel-as.  
Com tantas provas que de amor lhe davam;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,  
Sem que ou amante a chore ou grato gema.

.....  
«E' preciso fazer plena justiça ao talento dos Brasileiros que  
podem oppor sem muita desvantagem ao *Derradeiro dos Mohicanos*  
de Coopes, duas produções que precederam um seculo quasi ao do  
romancista dos Estados Unidos — o *Oaramuru*' de Durão, e o *Uruguay*  
de Basilio da Gama...»

(Engenio de Monglam — cit. no excellento estudo do sr. J.  
Norberto — Nacionalidade da litterat. Brasileira—).